



Ensaio

**América Latina:
entre a descolonização e o reencantamento**

*Latin America:
between decolonization and re-enchantment*

*América Latina:
entre a descolonização e o reencantamento*

*Amérique Latine:
entre décolonisation et réenchantement*

Jorge Machado¹ e Breno William Nascimento²

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, especialista em de Estudos Avançados em Políticas Públicas e doutorado em Sociologia pela Universidade de Granada, Granada, Espanha, e pós-doutorado junto ao Departamento de Ciência Política da Universidade de Campinas, Campinas, SP, Brasil. É Professor-associado da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, sendo docente e orientador no Programa de Pós-Graduação em Participação Política e Mudança Social e do Bacharelado em Gestão de Políticas Públicas. É um dos coordenadores do Co-Laboratório de Desenvolvimento e Participação da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: machado@usp.br

² Graduado em Ciência e Tecnologia do Mar e cursando Especialização em Cidades, Planejamento Urbano e Participação Popular pela Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: breno.william@usp.br

Resumo

As marcas impressas por colonizadores europeus são vistas, ainda hoje, na terra, nas florestas, na carne, na pele, na subjetividade e na intelectualidade latino-americanas. Este ensaio acadêmico objetiva fazer um breve apontamento de autores, majoritariamente latino-americanos, que discutiram os impasses do colonialismo sobre a América Latina. O texto, inspirado nas cosmologias dos povos originários, propõe "que se plante, cultive e pratique a descolonização", através de um novo encantamento, o da ancestralidade.

Palavras-Chave: Descolonização; América Latina; Povos tradicionais; Reencantamento; Ancestralidade.

Abstract

The marks printed by European colonizers are still seen today in the land, in the forests, in the flesh, in the skin, in Latin American subjectivity and intellectuality. This academic essay aims to make a brief note of authors, mostly Latin American, who discussed the impasses of colonialism over Latin America. The text, inspired by the cosmologies of the original peoples, proposes "that decolonization be planted, cultivated and practiced", through a new enchantment, that of ancestry.

Keywords: Decolonization; Latin America; Traditional Peoples; Reenchantment; Ancestry.

Resumen

Las marcas impresas por los colonos europeos todavía se ven hoy en la tierra, en los bosques, en la carne, en la piel, en la subjetividad e intelectualidad latinoamericanas. Este ensayo académico tiene como objetivo hacer una breve nota de los autores, en su mayoría latinoamericanos, que discutieron los impasses del colonialismo en América Latina. El texto, inspirado en las cosmologías de los pueblos originarios, propone "que se plante, cultive y practique la descolonización", a través de un nuevo encantamiento, el de los ancestrales.

Palabras Clave: Descolonización; América Latina; Pueblos tradicionales; Reencantamiento; Ancestralidad.

Resumé

Les marques imprimées par les colons européens se voient encore aujourd'hui dans la terre, dans les forêts, dans la chair, dans la peau, dans la subjectivité et l'intellectualité latino-américaines. Cet essai académique vise à faire une brève note d'auteurs, pour la plupart latino-américains, qui ont discuté des impasses du colonialisme sur l'Amérique latine. Le texte, inspiré des cosmologies des peuples d'origine, propose «que la décolonisation soit plantée, cultivée et pratiquée», à travers un nouvel enchantement, celui de les ancêtres.

Palabras Clave: Décolonisation; Amérique Latine; Peuples Traditionnels; Réenchantement; Ancestralité.

Introdução



“Baianas”, por John Graz, 1930

Cem anos de solidão é, provavelmente, o livro latinoamericano mais celebrado no mundo. Narrado no e do interior da Colômbia, na cidade fictícia de Macondo, mas que poderia ser da Guatemala ou do Brasil, ou seja, da periferia do capitalismo, o romance de García Márquez tece um imbricamento de camadas entre a subjetividade e a cultura, entre o desencanto e o encantamento, entre o excesso de real da realidade e a fantasia, entre as relações de poder e de dominação que reiteram, infelizmente, que embora esboços de organização social igualitária houvessem ocorrido em Macondo, as estirpes da América Latina “não podem ter uma segunda chance sobre a terra” (García Márquez, 1984:364). As marcas de dominação impressas por colonizadores europeus são vistas, ainda hoje, na terra, nas florestas, na carne, na pele, na subjetividade e na intelectualidade latino-americanas. No plano teórico, idealismos e insuficiências operaram, por vezes, para o caráter cordial e pacificador de nossos intelectuais. Assim, este escrito objetiva fazer um breve apontamento de autores, majoritariamente latino-americanos, que discutiram os impasses do colonialismo sobre a América Latina, mas propondo, ao mesmo tempo, linhas de ação e caminhos de superação e transformação da nossa condição colonial.

O Que é Descolonização

É de um autor em pleno contato com o circuito pensante da Paris dos anos 1960, Frantz Fanon, de quem podemos arriscar uma definição: descolonização é a superação do mundo colonizado (Fanon, 1968). As oposições geográficas, manifestas na distribuição desigual de

riqueza no espaço, na descaracterização do espaço (nasce-se e morre-se a ermo, na perspectiva colonial), assim o são para acusar quem vive ali, delimitar um lugar simbólico àqueles sujeitos. A precarização de serviços básicos, como os de saúde e assistência social, poderiam ser vistos apenas como deficiências programáticas, mas são, no fundo, parte de uma geopolítica da morte (Brum, 2018) - a qual, em dias de pandemia, opera sua devastação dos corpos.

Do lado de lá, na casa grande, o indivíduo é rico porque é branco. As divisões estão bem claras: o mundo colonial é maniqueísta, há o bom (o colono) e o mal (o colonizado), onde tal oposição cultiva o estigma de que a sociedade colonizada é desprovida de valores, crenças e linguagem (Fanon, 1968). Essa é uma leitura vista até os dias de hoje. Por exemplo: se observarmos o verbete “antropologia”, em edição do dicionário Michaelis de 1999, leremos o absurdo “estudo das sociedades letradas”, como se olhar para a cultura do outro fosse, necessariamente, usurpá-lo de linguagem, códigos, mitologias, crenças e valores. Como se “letrado” contemplasse apenas o colonizador, branco, europeu.

Do lado de cá, um histórico de autoritarismo, racismo e genocídios nos dilacerou e ainda deixa nossas veias abertas (Galeano, 2005). Do pensamento francês contemporâneo, no entanto, extraímos que a história não é linear (Deleuze e Guattari, 2010) e que, embora o autoritarismo, tão presente em nossas raízes, seja corriqueiramente tomado como aporia, ele não pode ser visto nos dias de hoje sem mediação histórica, sem que sejam traçadas as linhas que o trouxeram até aqui. Se, como diz Schwarcz (2019 apud Almeida, 2019), não é possível estabelecer uma temporalidade mecânica que vincule nossa herança autoritária à expressão contemporânea do autoritarismo no Brasil, há de se imaginar e sonhar (Acosta, 2018) novas formas de transformação dessa expressão, sob novos signos.

A Solidão Latino-Americana

Seguimos com Gabriel García Márquez, agora com a inquietação de fazer uma interpretação sobre o porquê do pensamento latino-americano ter seguido, como o vira-latas Quincas Borba, os passos daquele que se diz seu dono:

A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribuiu para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários. [...] A América Latina não quer e nem tem porque ser um peão sem rumo ou decisão, nem tem nada de quimérico para que seus desígnios de independência e originalidade se convertam em uma aspiração ocidental (García Márquez, 2011:26).

Essa aspiração está presente no sectarismo acadêmico, jurídico, econômico e social, decorrente de mais de três séculos de genocídio indígena e escravização do povo negro. Sob a ilusão de criação de uma unidade cultural supostamente coesa, observamos que

A incorporação de tão diversas e heterogêneas histórias culturais a um único

mundo dominado pela Europa, significou para esse mundo uma configuração cultural, intelectual, em suma intersubjetiva, equivalente à articulação de todas as formas de controle do trabalho em torno do capital, para estabelecer o capitalismo mundial. Com efeito, todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia europeia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento (Quijano, 2005:6).

Poderia ser continuação do texto *A solidão na América Latina*, mas aqui quem fala é Quijano, intelectual peruano que, ainda hoje, tem uma voz importante ecoando sobre as reflexões integracionistas latino-americanas. Para Quijano, seria impossível discutir a América Latina sem discutir raça. Aliás, o advento da modernidade eurocêntrica trouxe, consigo, a própria noção de raça, já que adjetivos pátrios e outras denominações regionais caracterizariam uma concepção racial (Quijano, 2005). Por aqui, essa noção “foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista.” (Quijano, 2005:3). Portanto, “raça”, “converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade.” (Quijano, 2005:3).

A dominação e segregação de que falam Quijano e Fanon, como é próprio do processo colonizador, incidiram sobre os modos de uso da linguagem, da religião, da economia, do espaço, e sobre os modos de produção de subjetividade. Kehl (2018), associa um “bovarismo brasileiro” à subjetividade tipicamente colonizada, que se sente parte do circuito *fashion* de Paris, apenas por utilizar de uma linguagem específica. Essa linguagem, tão difundida por *influencers*, *faria limers*, mobilizada por *mindsets* em *meetings*, instrumento de catalisação da venda das cidades latino-americanas na bolsa de valores (Rolnik, 2014).

Mais uma vez, podemos recorrer a Fanon, nesta que se apresenta como uma identificação do dominado com o dominador (ou do oprimido com o opressor, como ensinou Paulo Freire). Lélia González (1984) expandirá essa discussão, dialogando com a psicanálise de Freud e Lacan, a partir de uma perspectiva não de mera assimilação, mas antropofágica, justamente na intenção de romper com um identitarismo “bovarista”. A autora, infelizmente, ainda figura de forma marginal na academia brasileira. A solidão latinoamericana: as vozes do circuito pensante de Paris são marco fundador de um paradigma filosófico, sociológico e antropológico que se observa aqui, e ainda se escuta o eco dos textos franceses sobressaindo-se às múltiplas vozes solitárias de minorias - a mulher negra, a intelectual periférica, os indígenas, os quilombolas. Mas do que reclamamos? O nativo até é objeto de estudo, e a alteridade em relação a ele até se manifesta na condição de produção de conhecimento (Alves & Alves, 2020) - mas apenas enquanto eurocêntrica projeção idílica da “diferença” (Viveiros de Castro, 1996).

É o colono que fez e que faz o colonizado e, na perspectiva de Fanon, a superação dessa dialética só ocorrerá a partir da tomada do poder, da destruição do racismo real e simbólico, e pelo sobressalto da voz do colonizado sobre as narrativas colonizantes (González, 1982), mas mesmo intérpretes do Brasil, como Caio Prado Jr., “esqueceram” de pautar essas questões em sua obra. A respeito desse “esquecimento”, Lélia González acrescenta:

ele [Caio Prado Jr.] pouco teria a dizer sobre essa mulher negra, seu homem, seus irmãos e seus filhos [...]. Exatamente porque ele lhes nega o estatuto de sujeito humano. Trata-os sempre como objeto. Até mesmo

como objeto de saber. É por aí que a gente compreende a resistência de certas análises que, ao insistirem na prioridade da luta de classes, se negam a incorporar as categorias de raça e sexo. Ou sejam, insistem em esquecer-las (González, 1982:10).

O mesmo se pode dizer de outros autores clássicos, que retratam uma versão idealizada das relações entre colonizador e colonizado, ou entre escravos e senhores. Este é o caso das obras de Gilberto Freyre (1933, 1936), onde é celebrada a mestiçagem racial, em detrimento de uma análise da violência e da exploração econômica. Frequentemente se ignora que as relações eram aparentemente amistosas devido à imposição do medo, à opressão e a inexistência prática de mecanismos de justiça e proteção à população subalterna. A isso se juntam outros mitos criados pelo colonizador, como o da “descoberta” de um território parcamente habitado, da “vinda” do negro da África, da integração dos povos “primitivos” à “civilização” e, por fim, da inevitável marcha ao “progresso” trazida pela ideologia positivista, rumo à sociedade, religião e cultura europeias.

Ao sujeito colonizado, a nada mais restava que abandonar sua condição de atraso, o primitivismo, esquecer as violências sofridas e submeter-se cordialmente à sociedade oferecida pelo branco.

Desencanto e Encantamento

A mudança paradigmática em relação ao que se produz na academia, passa pelo reconhecimento de si, enquanto sujeito descolonizado, o que Rubbo (2019:398) apontou como “agonia pela descolonização epistemológica, crítica explícita do evolucionismo unilinear e unidimensional do eurocentrismo.” Uma intelectualidade que se quer emancipada precisa se colocar como tal. Em 1932, Sérgio Buarque de Holanda já diagnosticava nosso pensamento bovarista, tributário a uma subserviência cordial:

Mas há outros traços por onde nossa intelectualidade ainda revela sua missão nitidamente conservadora e senhorial. Um deles é a presunção, ainda em nossos dias tão generalizada entre seus expoentes, de que o verdadeiro talento há de ser espontâneo, de nascença, como a verdadeira nobreza, pois o trabalho e estudo acurado podem conduzir ao saber, mas assemelham-se, por sua monotonia e reiteração, aos ofícios vis que degradam o homem (Buarque de Holanda, 2016:197).

Se a captura dos signos e símbolos significantes conduziu à substituição linguística e simbólica do colonizado, cabe realizar reestruturações geológicas que passem pela real ruptura com o colonizador (Fanon, 1968). Uma saída possível é revirar os mitos colonizantes, desestabilizando as narrativas que nos foram impostas acerca do real, devolvendo ao colonizador seus mitos revirados, ressignificados e criticados.

Essa saída não abre veredas para idealizar assumir o papel de opressores (Freire, 2018). Precisamos passar, portanto, pelo desencanto, pelo fragmento do idílio que nos foi exportado (Buarque de Holanda, 2016), para só a partir daí começar a esboçar e executar o início do processo de decolonialidade. Um desencanto que saiba de quais signos se valer, ainda que de autores em cujo cânone há ressonâncias positivas para o território latino. Um desencanto que saiba considerar que a Experiência descrita por Walter Benjamin em *O narrador* (Benjamin, 2008), vertiginosa, esvaziada pelo avanço da modernidade, das técnicas e do fluxo de informações no capitalismo industrial, não é a mesma Experiência quando se trata de não nos tornarmos filisteus enclausurados na constatação de que “nada mudará”, sob uma máscara inexpressiva e impenetrável (Benjamin, 2004).

Que a gente não se convença de que a experiência marcada pelo autoritarismo continuará cegando nossa capacidade de visualizar outros horizontes, desencantando-a. Seguimos a experiência e a lógica do desencanto ocidentalizado - contudo, apenas no que concerne à importação de seus paradigmas técnicos, modernistas, de desenvolvimento predatório e genocida, como aponta o antropólogo Viveiros de Castro:

E mesmo que o Lévi-Strauss já tenha advertido para o fato de que a marcha da chamada civilização ocidental, necessariamente, envolvia uma destruição de suas próprias condições materiais de existência e, portanto, ela era um projeto civilizacional suicida, ele frequentemente localiza mais especificamente na civilização ocidental de origem europeia essa ideia de que é uma civilização que consome quantidades absurdas de matéria e energia, e que está produzindo entropia, está produzindo desorganização do cosmos terrestre e que, portanto, não poderá prosseguir dessa forma. Ela, na verdade, está colaborando para o fim da espécie, num certo sentido (Barros e Domenici, 2019).

Para Acosta (2018), o processo de descolonização implicará, necessariamente, em uma ruptura civilizatória, cujas novas bases evocarão as vozes ancestrais da América Latina, de seus povos originários, em busca do que o autor nomeou como “bem-viver”, fazendo-se necessário um abalo sísmico - tomar a linguagem do colono e reinventá-la, seguindo Fanon. É preciso transformar a circularidade do pensamento anticolonial às margens da academia, trazendo-o para o centro dos debates, para a ordem do dia, bem como corporificar novos signos de luta (Safatle, 2015). Não precisamos simplesmente “esquecer” (conforme a crítica de Lélia González) Lévi-Strauss, Benjamin, ou Deleuze e Guattari, mas transformá-los à nossa medida. Para tal, é urgente um projeto de educação que plante, cultive e pratique a descolonização, que não reproduza paradigmas de dominação. Se o desencanto idílico do desenvolvimento se faz intransferível, o encantamento dos corpos, da linguagem e das performances também:

O projeto que durante séculos investiu na objetificação de seres humanos, traficou para essas bandas suportes físicos montados por outros saberes. É através do corpo negro em diáspora que emerge o poder das múltiplas sabedorias africanas trasladadas pelo Atlântico. O corpo objetificado, desencantado, como pretendido pelo colonialismo, dribla e golpeia a lógica dominante. A partir de suas potências, sabedorias encarnadas nos esquemas corporais, recriam-se mundos e encantam-se as mais variadas formas de vida. Essa dinâmica só é possível por meio do corpo, suporte de saber e memória, que nos ritos reinventa a vida e ressalta suas potências. (Simas & Rufino, 2018:49),

E ainda:

Precisamos de corpos fechados ao projeto domesticador do domínio colonial, que não sejam nem adequados nem contidos para o consumo e para a morte em vida. Precisamos de outras vozes, políticas porque poéticas, musicadas; da sabedoria dos mestres das academias, mas também das ruas e de suas artimanhas de produtores de encantarias no precário. A escola colonial, tão presente, busca educar corpos para o desencanto e para os currais do mercado de trabalho, normatizados pelo medo de driblar/gingar/pecar (Simas, 2020:55).

Considerações Finais

À dominação capitalista não basta destruir instituições coletivas, transformar cultura em mercadorias, vigiar, perfilar e manipular as pessoas por meio de tecnologias que visam o *targeting* do consumo individualista de modo a extrair o máximo de seu dinheiro, cultivando seus hábitos de consumidor fidelizado, previsível e dependente. Mais que isso, dinheiro é a energia que se extrai do trabalho dos corpos domesticados. Energia que flui para os donos do capital numa nova colonização, desta vez global e não apenas material, mas cognitiva.

A saúde desse sistema econômico se mede pelo número de bilionários, os maiores cultivadores de corpos dóceis. Emerge um capitalismo das plataformas, sem rosto e sem compromisso com massas de “empreendedores” precarizados – espécies de robots humanos (que ainda não puderam ser substituídos por máquinas) que não fazem greve e não têm direitos. Humanos que formam uma massa dócil e agnóstica, servindo a uma narrativa de realidade que insiste em se realizar e tenta convencer ser a única possível.

Qual alternativa teremos ao autoritarismo do capital e seus donos? Ao deus mercado, ao orgulho da ignorância dos líderes populistas, ao desprezo à arte e à filosofia? E que dizer do pobre humano desenraizado, andando apressado nas vias de cinzentas cidades? Pois, como dito por Galeano (2005:368), “para que a América Latina possa nascer de novo, será preciso derrubar seus donos, país por país”. Esse desafio passa, portanto, por práticas libertadoras e rebeldes, pela liberdade dos corpos, pelo desencanto em relação à colonialidade e aos seus parâmetros de conquista e consumo do mundo, mas, simultaneamente, pelo encantamento conduzido pela ancestralidade, por uma economia que restabeleça nossa relação com a natureza, sob os signos e práticas oriundas dos povos originários, por uma sociedade que assuma a luta antirracista como princípio fundamental. E, assim, quem sabe, nossas estirpes condenadas a cem anos de solidão possam ter, para sempre, uma nova chance sobre a Terra.

Referências Bibliográficas

- Acosta, Alberto. (2018). *O bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Editora Elefante.
- Almeida, Silvio L. (2019). A história e a disputa de sentidos: sobre o autoritarismo brasileiro. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, Nº 74, p 324-328.
- Barros, Ciro., & Domenici, Thiago. (2019, 10 de outubro de). “Estamos assistindo a uma ofensiva final contra os povos indígenas” - Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro. *Agência Pública* (online).
- Benjamin, Walter. (2004). *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Coleção Espírito Crítico. São Paulo: Editora 34.
- Benjamin, Walter. (2008) O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In.: *Obras Escolhidas - Volume I: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Brum, Eliane. (2018). *Brasil, construtor de ruínas - um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro*. São Paulo: Arquipélago.
- Buarque de Holanda, Sérgio. (2016). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Deleuze, Gilles., & Guattari, Félix. (2010). *Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia - Volume I*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34.
- Fanon, Frantz. (1968). *Os condenados da terra*. São Paulo: Civilização Brasileira.
- Alves, Míriam C., & Alves, Alcione C. (2020). *Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas*. Série Pensamento Negro Descolonial. Porto Alegre: Editora Rede Unida.
- Freire, Paulo. (2018). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 66ª edição.
- Galeano, Eduardo. (2005). *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: L&PM Pocket.
- García Márquez, Gabriel. (1984). *Cem anos de solidão*. São Paulo: Record.
- García Márquez, Gabriel. (2011). A solidão da América Latina. Em García Márquez, Gabriel. *Eu não vim fazer um discurso*. Rio de Janeiro: Record.
- González, Lélia. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs*, 223-244.
- Kehl, Maria R. (2018) *Bovarismo Brasileiro*. São Paulo: Boitempo.
- Quijano, Aníbal. (2005). *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. CLACSO: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.
- Rubbo, Deni A. (2018). Aníbal Quijano e a racionalidade alternativa na América Latina: diálogos com Mariátegui. *Estudos Avançados*, 32(94), 391-409.
- Safatle, Vladimir. (2015). *O circuito dos afetos*. São Paulo: Cosac Naif.

- Simas, Luiz A. (2020). *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Simas, Luiz A., & Rufino, Luiz. (2018). *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.
- Viveiros de Castro, Eduardo. (1996). Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, 2(2), 115-144.

Recebido em 20/11/2018.
Aceito em 28/12/2018.